

OS HONESTOS

RUBEM BRAGA

1232
Foi Mauricio Goulart quem me contou, e quem contou a ele foi Pedro Aleixo.

Aconteceu pelos fins do Imperio. Era ministro da Marinha o visconde de Ouro Preto. Havia no Rio uma firma portuguesa que fazia fornecimentos de certos materiais à Marinha, e estava interessada em obter um grande contrato em condições especialmente vantajosas. E sabia-se que Ouro Preto estava tão mal de dinheiro que hipotecara a casa de sua moradia para poder atender a alguns compromissos.

Um dos socios da firma procurou nessa ocasião o ministro, para falar do contrato. Recebido pelo grande homem, expôs o caso. O ministro disse que ia mandar estudar a proposta, examinar o material e os preços; já fora informado, entretanto, de que as condições da firma eram inaceitaveis, e seus preços exorbitantes; o contrato representaria um verdadeiro escandalo... O portuguez insistiu — e acabou insinuando — “já que estamos a falar em negocios” — que o ministro não se arrependeria se mandasse fazer o contrato. A hipoteca de sua casa, por exemplo, era um caso facil de resolver...

Ouro Preto chamou dois fortes marinheiros — e o honrado comerciante foi posto para fora do gabinete imediatamente. Saiu tremulo de medo, a correr, e encontrou na porta do Ministerio o socio, que o esperava, para saber o resultado da entrevista; e gritou:

— Fomos ludibriados! E' tudo falso! O senhor visconde está a nadar em oiro...

*

A historia pode não ter sido bem assim; mas a anedota é muito brasileira. Sempre tivemos, é certo, homens publicos perfeitamente honrados; e ainda, graças a Deus, os temos. Mas e numero e a desfaçatez dos “compreensivos” é tal que o povo se acostumou a um grosso pessimismo.

Basta ouvir qualquer conversa de café ou barbeiro: “bem, eu sei que são todos uns ladrões”... Ou então: “roubar ele rouba, mas trabalha, realiza!” Ou ainda: “é, dizem que pessoalmente ele não rouba, mas veja só o que ele arranja para os filhos, os genros e os compadres... Assim ninguém precisa roubar...”

E' raro o dia em que não se toma conhecimento, na conversa de rua, de alguma grossa bandalheira ou mamata, verdadeira ou ficticia.

E o pior é que denuncias graves ficam sem resposta, ou recebem respostas evasivas ou nada convincentes. Há sempre um meio seguro de acabar com um escandalo: esperar que apareça outro maior.

Os homens publicos honrados sofrem, naturalmente, com a generalização que o homem da rua faz. E sempre que repelem uma proposta desonesta devem imaginar, pela cara decepcionada mas desconfiada do proponente, o que vai dizer ao socio: “fomos ludibriados”...

21.5.49

RN 10 - As finanças do sr. Visconde
Ultima Hora - 4.1.74
O Globo - 11.3.60

RN
10

143